

# Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)



# Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>
<p>A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado 2 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-029-2 DOI 10.22533/at.ed.292202904</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer.

John Ruskin

Todos vivemos a arquitetura, sentimos e interpretamos seus espaços e seus vazios, é arte cotidiana. Os espaços projetados pelo homem têm impacto direto sobre nosso sentir e fazer, um edifício bem planejado traz satisfação, traz conforto para o desenvolvimento das atividades humanas, esses impactos são sentidos fisicamente e psicologicamente, e por isso se faz relevante as análises que destes espaços aqui se apresentam.

Este livro se propõe a discutir a arquitetura de maneira ampla e profunda, entendendo que o espaço vivido assume dimensões além do palpável, passa pelos caminhos da história, da sociologia, da matemática e outras ciências, e que esta relação oferece análises mais complexas e reais.

Arquitetura acontece em escalas diferentes, do pequeno cômodo às grandes cidades, do móvel da casa ao mobiliário urbano, é um universo que se dispõe a ser estudado, a ser desvendado. A organização deste livro segue a escala de seus objetos de estudo, iniciando pela arquitetura, sua história e sua atualidade, na forma como a ocupação pode ser ressignificada, ou como a falta de acessibilidade limita o viver o espaço. Passa à escala urbana, as análises do que já foi, do que está sendo e do que pode ser.

Caminhar entre as relações do homem com o espaço é trabalho complexo, pois necessita da análise objetiva, mas não pode descartar o lado humano destas relações. Oferecer estes estudos é plantar sementes para novas discussões, que acabam por interferir diretamente em nossas casas, bairros e cidades.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CASA DO CHAME-CHAME: CONEXÕES COM CULTURA LOCAL E ARQUITETURA MODERNA INTERNACIONAL	
Silvia Lopes Carneiro Leão	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2922029041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>24</b>
ARQUITETURA ASSOCIADA AO “ART DÉCO” NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS	
Fernanda de Castro Farias	
Nelci Tinem ( <i>in memoriam</i> )	
DOI 10.22533/at.ed.2922029042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>41</b>
DE SANTIAGO DE COMPOSTELA À PORTO ALEGRE: METAMORFOSES DE LINGUAGEM NOS MUSEUS DE ÁLVARO SIZA ENTRE 1988 E 1998	
Raul Penteado Neto	
Joubert José Lancha	
DOI 10.22533/at.ed.2922029043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>60</b>
SISTEMATIZAÇÃO DE DIRETRIZES PROJETUAIS PARA MEIOS DE HOSPEDAGEM PERSONALIZADOS PARA CICLOTURISTAS COMO INCENTIVO À CICLOMOBILIDADE	
Jeane Aparecida da Silva	
Leandro Silva Leite	
DOI 10.22533/at.ed.2922029044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>69</b>
DE AGÊNCIAS BANCÁRIAS A CENTROS CULTURAIS: A PRESENÇA DA ARQUITETURA DOS BANCOS NA PAISAGEM DAS CIDADES	
Janércia Aparecida Alves	
Frederico Braidia Rodrigues de Paula	
José Gustavo Francis Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.2922029045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>82</b>
VIDA RIBEIRINHA: UMA ANÁLISE DE COMO A FALTA DE ACESSIBILIDADE PODE INFLUENCIAR NA QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES DA ILHA DO COMBU EM BELÉM, PARÁ	
Érica Corrêa Monteiro	
Angelo Giovani dos Santos Feio	
Kayan Freitas de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.2922029046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>95</b>
A OCUPAÇÃO PORTUGUESA NO EXTREMO SUL DO BRASIL: A COLÔNIA DO SACRAMENTO E O HIBRIDISMO CONFIGURACIONAL	
Ivan Oliveira de Grande	
Valério Augusto Soares de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2922029047	



<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>110</b>
A REGIÃO DOS JARDINS EM SÃO PAULO: PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E MUDANÇA	
Luiza Veiga Mathias	
José Geraldo Simões Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.2922029048	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>130</b>
TEORIA E PRÁTICA: DO CONCEITO AO PROJETO	
Letícia Peret Antunes Hardt	
Carlos Hardt	
Marlos Hardt	
DOI 10.22533/at.ed.2922029049	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>140</b>
GOIÂNIA, ENTRE O EFEITO GENÉRICO E AS PERMANÊNCIAS	
Pedro Henrique Máximo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290410	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>153</b>
GEOMETRIA FRACTAL E OS VAZIOS URBANOS (EUCLIDIANOS)	
Solimar Mendes Isaac	
Fernando Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.29220290411	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>170</b>
CIDADE, EDIFICAÇÃO E VAZIO	
Elisabete Castanheira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290412	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>180</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>181</b>

## DE AGÊNCIAS BANCÁRIAS A CENTROS CULTURAIS: A PRESENÇA DA ARQUITETURA DOS BANCOS NA PAISAGEM DAS CIDADES

Data de aceite: 13/04/2020

Data de submissão: 24/01/2020

### Janércia Aparecida Alves

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF),  
Programa de Pós-Graduação em Ambiente  
Construído (PROAC)  
Juiz de Fora – MG  
<http://lattes.cnpq.br/0938958452792865>

### Frederico Braida Rodrigues de Paula

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF),  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa  
de Pós-Graduação em Ambiente Construído  
(PROAC)  
Juiz de Fora – MG  
<http://lattes.cnpq.br/5018338717420441>

### José Gustavo Francis Abdalla

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF),  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa  
de Pós-Graduação em Ambiente Construído  
(PROAC)  
Juiz de Fora – MG  
<http://lattes.cnpq.br/9007018919636001>

Uma versão preliminar deste capítulo foi apresentada e publicada como artigo completo no Seminário Internacional Projetar: Arquitetura e Cidade: Privilégios, Conflitos e Possibilidades, realizado de 22 a 25 de outubro de 2019, em Curitiba, PR. Ver: ALVES, Janércia Aparecida; BRAIDA, Frederico; ABDALLA, José Gustavo Francis. De agências bancárias a centros culturais: a presença da arquitetura dos bancos na paisagem das cidades. In: STINGHEN, Andréa B. M. et al. **Anais do 9º Seminário Internacional Projetar**. Curitiba: UFPR;

Universidade Positivo, 2019. v. 3. p. 388-400.

**RESUMO:** Este capítulo aborda o projeto das agências bancárias brasileiras e as alterações ocorridas em sua espacialidade ao longo do tempo, levando à resignificação do espaço frente ao dinamismo das mudanças tecnológicas. O objetivo principal é evidenciar a transformação da arquitetura das agências bancárias face à remodelagem da sua utilização, segundo as novas exigências mercadológicas. A metodologia utilizada toma por base a pesquisa bibliográfica e iconográfica, de caráter exploratório e qualitativo. Os resultados alcançados remetem ao levantamento obtido sobre o uso inicialmente dado aos edifícios estudados e sua posterior utilização, segundo o conteúdo histórico e sua adaptação à contemporaneidade. Do projeto original aos dias atuais, percebe-se a manutenção do caráter simbólico da arquitetura bancária e sua presença marcante nas cidades, apesar da transformação de seu uso, reforçando a importância de sua implantação em localizações privilegiadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agências bancárias. Resignificação. Transformação. Função. Uso.

## FROM BANK BRANCHES TO CULTURAL CENTERS: THE PRESENCE OF BANK ARCHITECTURE IN THE CITY LANDSCAPE

**ABSTRACT:** This chapter deals with the design of Brazilian banking agencies and the changes that have occurred in their spatiality over time, leading to the re-signification of the space in the face of the dynamism of technological changes. The main objective is to highlight the transformation of the architecture of the banking branches in order to reshape their use according to the new market requirements. The methodology used is based on bibliographic and iconographic research, exploratory and qualitative. The results obtained refer to the survey obtained on the use initially given to the studied buildings and their subsequent use, according to the historical content and its adaptation to contemporaneity. From the original project to the present day, one notices the maintenance of the symbolic character of the banking architecture and its remarkable presence in the cities, despite the transformation of its use, reinforcing the importance of its implantation in privileged locations.

**KEYWORDS:** Bank branches. Resignification. Transformation. Function. Use.

### 1 | INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda o tema da arquitetura bancária e suas transformações ao longo do tempo, adaptações espaciais e permanências nas cidades. As agências são espaços onde acontecem negociações e transações financeiras entre as instituições e seus clientes, portanto, de um ponto de vista pragmático, funcionam como interface e lugares de relacionamento social (ABDALLA, 2011, p.19). Embora esses espaços venham sendo ressignificados na contemporaneidade, inclusive em função das tecnologias de informação e comunicação, as grandes agências ainda permanecem marcando a paisagem das cidades através de seus projetos arquitetônicos (ABDALLA, 2011, p.22).

De um ponto de vista simbólico, as grandes agências bancárias ou os prédios-sede dos bancos mais importantes são edificações que representam o poderio das instituições financeiras (ABDALLA, 2011, p.22). Se, por um lado, hoje em dia as agências estão pulverizadas e descentralizadas, por outro, verifica-se que a história da arquitetura bancária é marcada por imponentes edifícios localizados em áreas centrais. São esses edifícios e seus projetos arquitetônicos que foram tomados como objetos empíricos da pesquisa que está relatada neste capítulo. Parte-se da premissa de que uma parcela significativa da história das cidades pode também ser contada por meio da história da arquitetura dos bancos e da sua presença na paisagem das cidades.

Abordar esse tema encontra justificativa na importância que as bases

econômicas representam para a sociedade, percebendo-se os bancos como instituições preponderantes no impulso desenvolvimentista, seja local, seja para a totalidade da nação. Os espaços ocupados pelas instituições bancárias possuem, normalmente, condição de destaque na paisagem urbana, localizações privilegiadas, concentração de atividades de forma a melhor atender a população (ABDALLA, 2011, p.22).

No entanto, diante dos processos de virtualização, da digitalização das transações, da ampliação dos serviços *ebanking*, assiste-se a uma obsolescência das grandes agências bancárias, as quais buscam novas formas de constituir o capital simbólico das instituições financeiras (ABDALLA; OLIVEIRA, 2019, p.4). Diante da realidade contemporânea, podemos nos perguntar: Qual a lógica subjacente às transformações das agências bancárias em centros culturais e seus impactos nas cidades? A partir dessa questão, pode-se afirmar que o objetivo principal deste capítulo é evidenciar os processos de transformação da arquitetura das agências bancárias em centros culturais, segundo a remodelagem da sua utilização frente às novas exigências de mercado.

## 2 | METODOLOGIA

Para a realização da investigação, utilizou-se, como procedimento metodológico, de pesquisa bibliográfica e iconográfica (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.54), baseada em informações divulgadas pelas seguintes instituições bancárias: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Santander. A principal temática abordada foi a arquitetura bancária, a memória histórica por elas representada e suas relações com as cidades. Quanto à sua natureza, podemos dizer que se trata de uma pesquisa básica, de caráter exploratório e qualitativo.

Para o estudo foram selecionadas quatro agências bancárias que possuem por característica comum o valor histórico e arquitetônico de seus prédios e sua transformação em centros culturais, embasando as pesquisas relacionadas às alterações ocorridas nas edificações em função da adaptação ao mundo contemporâneo. Apesar das transformações motivadoras serem de cunho tecnológico, portanto pertinentes ao sistema bancário mundial como um todo, o estudo se refere ao âmbito contextual de agências brasileiras.

As edificações selecionadas, todas do início do século XX, foram construídas para abrigar agências bancárias de importantes bancos localizados em capitais brasileiras, nos centros das cidades. Nota-se que as transformações dessas agências estudadas em centros culturais datam do final do século XX e início do século XXI. Os projetos foram analisados segundo critérios de localização (cidade e bairro) e aspectos arquitetônicos (estilo, data de construção e de reforma), amparados na

carga simbólica que o fato de serem imóveis tombados traz como importância.

### 3 | AGÊNCIAS BANCÁRIAS: RESSIGNIFICAÇÃO E IMPACTOS NAS CIDADES

Contribuindo para o processo de adaptação a novas épocas, a reabilitação de edifícios incorpora um novo sentido para aquilo que é pré-existente. A resignificação surge como uma fonte de vida nova, através de intervenções que não apenas preservam a edificação, mas, sobretudo, valorizam sua permanência na história. Perpetuam a marca da instituição, explorando o que o lugar permite, mesmo que se implemente uma nova função (SEGRE, 2004, p.56). O registro que se deixa é o de ampliação de possibilidades arquitetônicas em detrimento de simples abandono ou até a demolição. Harmonizar o espaço e novas necessidades é o desafio, o diálogo do tempo que se procura.

Jacobs (2011, p.207) apresenta, como terceira condição para aplicação da diversidade urbana, a necessidade de o distrito explorar “uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir uma boa percentagem de prédios antigos”. A autora faz a defesa da manutenção e utilização dos edifícios antigos, enfatizando o alto custo gerado por novas construções, comparativamente ao uso que se possa porventura destinar às construções já existentes. “As cidades precisam de mesclas de prédios antigos para cultivar as misturas de diversidade principal, assim como aquelas e diversidade derivada. Elas precisam especificamente dos prédios antigos para incubar uma nova diversidade principal” (JACOBS, 2011, p.216).

Quando a mesma autora ressalta o obsolescência programado como situação difícil de ser aplicada aos edifícios e se implementar uma economia aceitável (JACOBS, 2011, p.442), imagina-se a possibilidade de se transportar essa reflexão para as atividades econômicas. Essas também sofrem ação do tempo e necessitam utilizar de arcabouços de revitalização, tal como o *retrofit* na construção, para que possam perdurar no mercado. Transpor a passagem natural do tempo, por meio da oferta de um novo uso local ao edifício, é uma forma de trazer ao público uma diversidade derivada que se torna principal, atemporal para a construção que já não consegue mais ter sua função original no espaço edificado. Situação pertinente à atual virtualização dos serviços bancários, levando a maioria das instituições do ramo a não necessitarem mais de imponentes e robustos prédios de atendimento à clientela.

Lynch (2011, p.113), sobre a “percepção do mundo urbano, complexo e em permanente transformação”, afirma que “a força da imagem aumenta quando o marco coincide com uma concentração de associações”. Assim, unificando os conceitos trazidos pelos autores acima citados, observa-se o quão importante a imagem se

faz presente e significativa para as pessoas. As antigas agências bancárias são marcos históricos, conforme ressalta Abdalla (2011, p.23), pontos de referência nos espaços que ocupam, imagens que tangibilizam o poder exercido pela força econômica dos bancos, reforçando a marca perante o inevitável ambiente virtual e transcendendo a inexorável imposição temporal (ABDALLA; OLIVEIRA, 2019).

Ainda segundo Lynch (2011, p.124), “pode-se confiar cada vez menos na organização gradual através de uma longa experiência, pois o próprio ambiente urbano está mudando rapidamente, acompanhando as transformações técnicas e funcionais”. São mudanças capazes de desorganizar a percepção pessoal já concebida, de não ver mais função para o edifício, e até mesmo ignorar sua presença pela perda de funcionalidade.

Para Jacobs (2011, p.209), “o tempo torna obsoletas certas estruturas para certos empreendimentos, e elas passam a servir a outros. O tempo pode transformar o espaço adequado para uma geração em espaço supérfluo para outra”. O que se tornou supérfluo na relação banco/cliente na atualidade – as agências físicas – passou a ganhar significado como disseminador de cultura e preservação da imagem de poder dessas instituições. “Ideias antigas às vezes podem lançar mão de prédios novos. Ideias novas devem lançar mão de prédios antigos” (JACOBS, 2011, p.208).

### **Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ)**

O espaço onde hoje se encontra o CCBB RJ teve seu início em 1880, por concepção do arquiteto da Casa Imperial Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, sendo inaugurado em 1906, então como sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro e tendo em sua rotunda o pregão da Bolsa de Fundos Públicos, segundo o portal do Banco do Brasil. Foi adquirido pelo Banco do Brasil na década de 1920, sendo realizada reforma para abrigar sua sede. A nova função tornou-se marco para a edificação, registro importante para o mundo financeiro nacional e onde estaria até 1960, quando veio a ceder lugar à Agência Centro do Rio de Janeiro, posteriormente Agência Primeiro de Março.

O endereço, Rua Primeiro de Março nº 66, Centro da cidade do Rio de Janeiro, no prédio de linhas neoclássicas, viria a ser futuramente o primeiro Centro Cultural brasileiro, no final da década de 1980, mantendo o valor simbólico e arquitetônico do prédio. Para o projeto de adaptação, a equipe do Banco do Brasil optou pela preservação do requinte das colunas e dos ornamentos, o mármore do *foyer*, as escadarias, reformando a cúpula sobre a rotunda, equipamento que agiganta o espaço. Sua inauguração aconteceu em 12 de outubro de 1989.

O prédio conta com área construída de 19.243 m<sup>2</sup> e ocupação pelo CCBB em 15.046 m<sup>2</sup> da sua totalidade (Figura 1). O edifício possui salas para mostras no



primeiro e segundo andares, uma sala de cinema no térreo, uma sala para exibição de vídeos e três salas para espetáculos teatrais. Há ainda um auditório no quarto andar e uma biblioteca no quinto andar.

Para atendimento aos usuários, considerando as condições de acessibilidade, foram instalados rampa de acesso à edificação, sanitários para cadeirantes, boxes para cadeirantes nos teatros, cinemas e videoteca, elevadores especiais no restaurante e videoteca, além de telefones públicos para pessoas com deficiências auditiva e visual. Essas adaptações arquitetônicas visam garantir o acesso irrestrito ao público visitante.

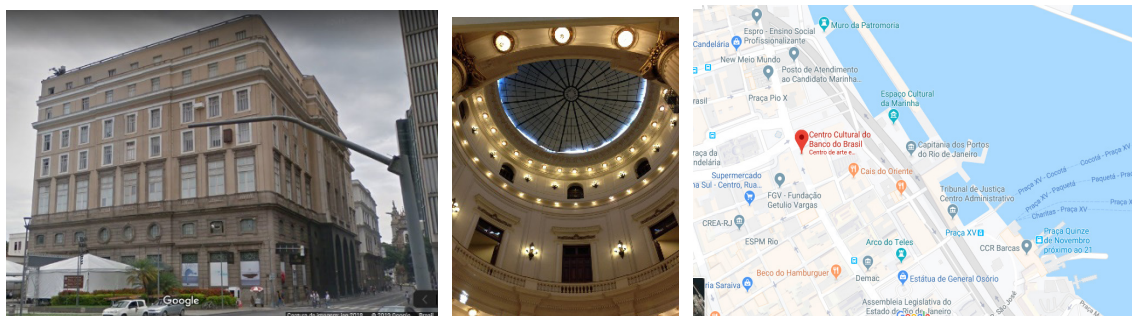


Figura 1: CCBB RJ

Fontes: (1) <https://www.google.com/maps/@-22.9004574,-43.1769913,3a,36.2y,127.62h,103.24t/data=!3m6!1e1!3m4!1sWR13BPWn-97CufvFDGAAI2e017i13312!8i6656> (2) CCBB RJ. Foto: Paloma Romanos, 2015; (3) Google Maps, 2019.

## Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo (CCBB SP)

Conforme informações registradas no portal do Banco do Brasil, adquirido pelo Banco do Brasil em 1923, o prédio recebeu alterações para se tornar agência bancária por meio de projeto do engenheiro-arquiteto Hippolyto Gustavo Pujol Junior. Essa agência bancária foi a primeira sede própria do Banco na cidade de São Paulo, à Rua Álvares Penteado, nº 112, funcionando como tal até 1996.

O edifício, de estilo eclético, com elementos presentes do neoclassicismo, da renascença italiana e do segundo reinado francês, constitui-se de cinco andares e um grande vão central, além de uma torre baixa, integrada ao corpo principal. Apesar de dúvidas iniciais sobre a autoria da sua fachada, concluiu-se ser criação de Pujol, tendo o mesmo definido a esquina como porta de entrada da agência, influência francesa, levando ao máximo aproveitamento do espaço interno.

A partir de 1996, iniciou-se o projeto de reforma pelas mãos do arquiteto Luiz Telles e equipe, a fim de receber o centro cultural. No ano de seu centenário de construção, em 21 de abril de 2001, o edifício passou a atender ao público como centro cultural, contribuindo para a renovação urbanística do centro histórico de São Paulo (Figura 2).

Interferências de restauro foram realizadas, como nos cofres da agência e

nas portas de aço e bronze, sendo os espaços do subsolo convertidos em salas de exposição de numismática. No térreo, os mobiliários foram adaptados à nova circulação, favorecendo o hall de entrada, e no mezanino foi instalado um restaurante. O primeiro andar foi preparado para oferecer cinema, sala de vídeo e sala para *workshops*. O segundo andar foi transformado em espaço para exposições e cybercafé. O terceiro andar possui outras salas de exposição e teatro. Marcas do tempo foram preservadas como se encontravam à época da reforma, como o estado do piso e portas, demonstrando o respeito para com a história e características do local. As instalações contam com inúmeros espaços culturais e administrativos em dimensões não tão generosas: apenas 4,1 mil m<sup>2</sup>.

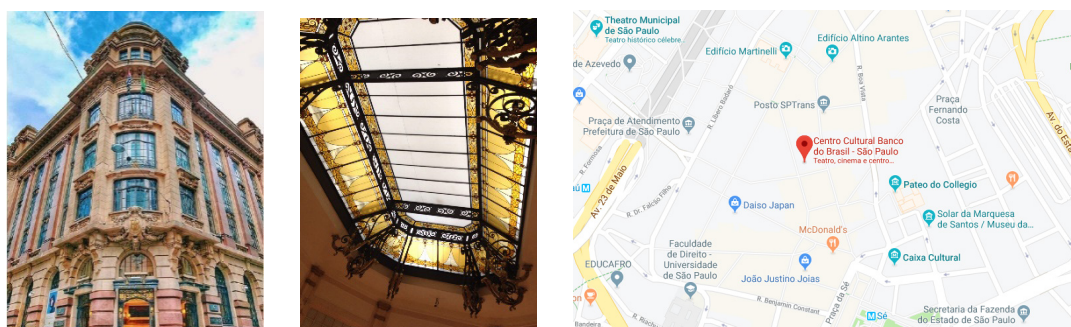


Figura 2: CCBB SP

Fontes: (1) <https://www.instagram.com/p/Bq97zJIA69o/>; (2) CCBB SP. Foto: Paloma Romanos, 2016; (3) Google Maps, 2019.

Os elementos mais trabalhados como capitéis, adornos dourados e luminárias de dois braços encontram-se instalados nos andares onde se fazia presente a agência bancária, ou seja, no subsolo, térreo e primeiro andar, perpetuando a pujança econômica bancária. Os demais andares, destinados à locação, possuíam decoração menos elaborada. Uma claraboia de vitral colorido fazia a distinção espacial e de usos e, com a reforma, realizou-se a integração dos espaços com a transferência da claraboia para o quarto andar.

Vislumbrando a integração dos novos usos, obedeceu-se às exigências tecnológicas para adequação ao funcionamento, como climatização, equipamentos de áudio e vídeo, controle de umidade em função das obras de arte, vidro acústico, segurança e controles digitalizados.

A centenária agência bancária, com fachada e outros elementos tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) e pelo Departamento do Patrimônio Histórico/Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (DPR/Conpresp), oferece ao público visitante a possibilidade de conviver, através de diversificadas atividades culturais, com o resgate do passado em um espaço que

se ajusta à contemporaneidade. Além de contribuir com o diálogo de renovação do entorno da área ocupada.

### **Caixa Cultural – Centro Cultural São Paulo**

O edifício ocupado pelo Caixa Cultural São Paulo, segundo o portal da Caixa Cultural, foi inicialmente projetado para dar lugar aos escritórios administrativos da Caixa no estado, ocupando os imóveis adquiridos no entorno da velha sede, de 1907. A edificação teve projeto e construção realizados pelos Escritórios Albuquerque & Longo, à Rua Venceslau Brás, antiga Travessa da Sé, inaugurada pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, em 1939. Esteve atuante com atividades bancárias, como sede regional da Caixa até 1979, quando se transferiu para endereço na Avenida Paulista, importante centro financeiro e referência na cidade de São Paulo.

Sua arquitetura é um exemplar *art déco* na cidade, tombado como patrimônio municipal pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp). Em 17.000 m<sup>2</sup> de área construída, apresenta caráter monumental no centro histórico da cidade, conivente à ideia de pujança estatal, além de ser uma exaltação ao governo Vargas. Seus elementos construtivos realçam sua imponência, com pórtico e colunas jônicas em granito preto e mármore nas paredes internas do térreo, pé direito duplo, vitral com seis metros e claraboia em vitrais coloridos, não faltando materiais importados em sua composição. Em seu interior, espaços ambientados e componentes e materiais originais em plena conservação (Figura 3).

Após reformas para a instalação do centro cultural em 1989, através de requalificação dos espaços e adequação tecnológica, foram criados espaços expositivos, sala de leitura, sala de oficinas, auditório, além do Museu da Caixa. O museu, instalado em 1.200 m<sup>2</sup>, pretende ser uma forma de divulgar e preservar o passado histórico da instituição, trazendo em seu acervo importantes registros e documentos de memória do sistema financeiro nacional. Além de equipamentos utilizados para atividades características da instituição, como penhora de joias, e espaços distintos, como a Sala da Habitação, registrando a importante função e participação da Caixa Econômica Federal na história dos financiamentos para aquisição de moradias brasileiras.

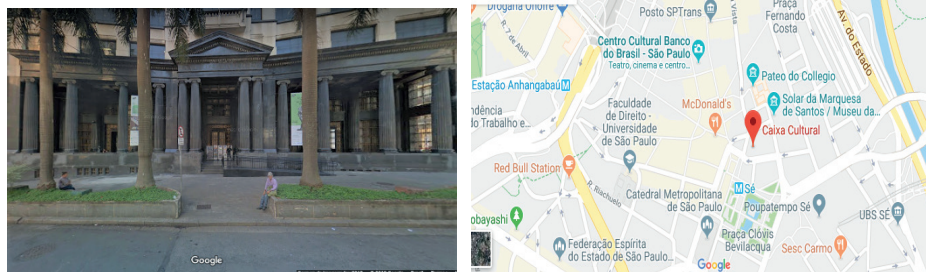


Figura 3: Caixa Cultural São Paulo

Fontes: (1) <https://www.google.com/maps/@-23.5492013,-46.6331354,3a,82.7y,104.85h,90.46t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssuwOMYor965s7oAIHLG-7Q!2e0!7i13312!8i6656>; (2) Google Maps, 2019.

Atuando por meio de um conjunto de centros culturais, o programa da Caixa Econômica Federal, voltado para apoio à cultura e patrocínios, possui unidades em diversas capitais brasileiras e, dentre elas, está a unidade Caixa Cultural São Paulo.

### Santander Cultural – Porto Alegre

O edifício que abriga o Santander Cultural, segundo o portal da própria instituição, Centro Cultural do Banco Santander, construído entre 1927 e 1932, contou em seu projeto com a participação do engenheiro civil Hipólito Fabre, do escultor espanhol Fernando Corona e dos arquitetos Stephan Sobczack (um polonês) e Theo Wiederspahn (alemão). Diferentemente dos estudos aqui apresentados, o prédio serviu como sede de várias instituições bancárias, com localização à Rua Sete de Setembro, 1028, no centro histórico de Porto Alegre (RS) (Figura 4).

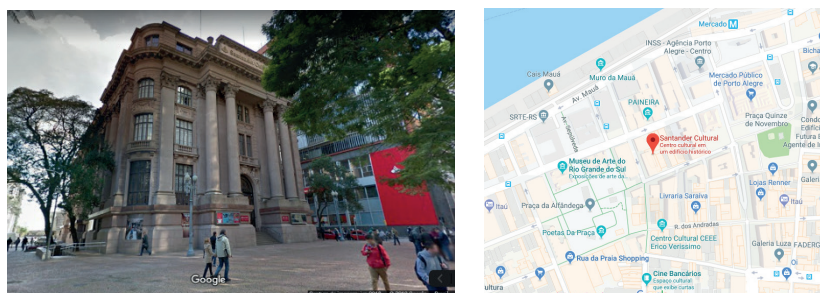


Figura 4: Santander Cultural

Fontes: (1) <https://www.google.com/maps/@-30.0292797,-51.2304151,3a,63.1y,12.08h,108.19t/data=!3m4!1e1!3m2!1sYppaiiDUUjDyDrJmJg-CwA!2e0>; (2) Google Maps, 2019.

Em arquitetura de estilo eclético, apresenta elementos dos estilos neoclássico, art nouveau e barroco-rococó. Em 1987, o prédio foi tombado como patrimônio histórico e artístico do Estado, registrando a sua importância enquanto patrimônio de destaque para a cidade. O interior do edifício impõe, por meio do seu gigantesco pé direito de mais de 12 metros, uma grandiosidade própria de instituições financeiras, e uma farta iluminação natural, originada de três imensas claraboias. Com área

construída de 5.600 m<sup>2</sup>, é um exemplo de construção que representa solidez e segurança.

A restauração para receber o Santander Cultural ocorreu em 2000, através de projeto do arquiteto Roberto Loeb, em parceria com a Solé & Associados, transformando o antigo banco em um centro cultural, contando com adaptações para prover segurança, acessibilidade e conforto térmico aos usuários. A revitalização do prédio trouxe o átrio, construído no antigo fosso de luz, para a utilização na nova atividade. O edifício possui piso de vidro sobre os vitrais especialmente iluminados, espaço que se destina à realização de premiações, seminários e *shows* semanais, entre outras atividades. No subsolo do prédio está a exposição Documentos, um prédio e outras histórias, contando a trajetória da transformação da unidade bancária em centro cultural.

#### 4 | OS BANCOS E A PAISAGEM DAS CIDADES

Como se pode observar na Tabela 1, as quatro agências bancárias convertidas em centros culturais apresentadas neste capítulo possuem diversos pontos em comum. Todas as edificações estão localizadas nos centros de capitais brasileiras e evidenciam, simbolicamente, o poderio das instituições financeiras, agora vinculado também à indústria cultural. Choay (2006, p.211), em seu apontamento sobre o patrimônio histórico na era da indústria cultural, afirma que “os monumentos e o patrimônio históricos adquirem dupla função (...). A metamorfose de seu valor de uso em valor econômico ocorre graças à ‘engenharia cultural’, vasto empreendimento público e privado, a serviço do qual trabalham grande número de animadores culturais”.



Tabela 1: Informações comparativas sobre os bancos e os centros culturais

Bancos/ Centros Culturais	Edificação	Reforma	Localização	Entorno	Arquiteto	Dimensão	Estilo arquitetônico
Banco do Brasil/ CCBB RJ	1920	1989	Rua Primeiro de Março 66	Centro histórico Rio de Janeiro	Francisco Joaquim Bethencourt da Silva	15.046 m <sup>2</sup>	Neoclássico
Banco do Brasil/ CCBB SP	1923	2001	Rua Álvares Penteado 112	Centro histórico São Paulo	Hippolyto Gustavo Pujol Junior	4.183 m <sup>2</sup>	Eclético: neoclássico, renascença italiana e do segundo reinado francês
Caixa Econômica Federal /Caixa Cultural São Paulo	1939	1989	Rua Venceslau Braz, Edifício Sé	Centro histórico São Paulo	Escritório Albuquerque & Longo	17.000 m <sup>2</sup>	Art Decó
Santander/ Santander Cultural Porto Alegre	1930	2001	Rua Sete de Setembro 1028	Centro histórico Porto Alegre	Stephan Sobczack e Theo Wiederspahn	5.600 m <sup>2</sup>	Eclético: neoclássico, art nouveau e barroco- rococó

Fonte: os autores, 2019.

Observa-se que as edificações dos anos 1920 e 1930, de estilos Neoclássico, *Art Decó* e Eclético, continuam contribuindo para a história das cidades, sobretudo quando são objetos de interesse do patrimônio histórico.

É interessante notar que, sob o ponto de vista do projeto arquitetônico e urbanístico, sobretudo em relação às intervenções contemporâneas nas cidades, a renovação arquitetônica pode trazer uma importância para a paisagem do entorno, revitalizando não apenas a própria edificação, mas a região que ocupa (SEGRE, 2004, p.19; PORTELA, 2001). Essa condição pode ser estendida para todas as edificações abordadas neste texto. Com a renovação, há uma contribuição para que se evite o abandono e desvalorização imobiliária, impondo, contrariamente, o interesse em desvendar o interior de construções cujas repartições tiveram visitação impedida por questões organizacionais e de segurança. Outra considera o importante a ser feita refere-se ao potencial construtivo das áreas que abrigam os edifícios históricos, normalmente esgotado e sob rígido controle legal. Portanto, encontra-se, na reabilita o, uma nova perspectiva de sobrevivência do patrimônio arquitetônico e simbólico.

Embora este artigo tenha abordado apenas as edifica es no cenário brasileiro, pode-se perceber que a conversão de  g ncias bancárias em centros culturais se mostra como uma prática contemporânea mundial. Apenas   guisa de ilustra o, cabe mencionar a transforma o, proposta em 2008, da sede do Banco Nacional Ultramarino (de 1866) em Museu do Design e da Moda (MUDE), em Lisboa (Portugal).



Assim, verifica-se que as edificações, anteriormente vinculadas fortemente ao capital financeiro, de certa forma, tornam-se mais democráticas ao se transformarem em espaços culturais, divulgadores dos valores e da história das instituições, mas também das cidades, com foco na manutenção da imponente presença dos mesmos frente à sociedade.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas ponderações a se realizar frente aos estudos, conclui-se que as instituições pesquisadas se correlacionam por situarem-se em locais de destaque nas cidades e estarem em imóveis tombados, característica alcançada pelo valor histórico representativo que os projetos arquitetônicos trouxeram para a cultura local, fazendo associação ao desenvolvimento econômico de forma relevante.

As transformações tecnológicas ocorridas ao longo do tempo, tanto permitiram a manutenção histórica das edificações, quanto conduziram à valorização das mesmas através de intervenções cirúrgicas e meticulosas, como iluminação, soluções funcionais, remodelagens internas e artifícios arquitetônicos. Percebe-se uma sutileza nas alterações, capazes de conduzir ao objetivo proposto de reinserção do objeto arquitetônico junto à população, promovendo o incentivo à exploração cultural de épocas e atividades que sofreram modificações inerentes à passagem do tempo. Esses casos estudados deixam como legado, ao menos em parte, a democratização dos espaços, tornando-os públicos e permitindo o acesso tanto espacial quanto memorial das instituições, destacando-se, dessa forma, a contribuição social relevante frente à natural visão econômica dessas instituições.

## REFERÊNCIAS

ABDALLA, José Gustavo Francis. Tipologia da arquitetura e cidades: uma investigação em Juiz de Fora, MG. In: **Anais do 2º Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído**. Rio de Janeiro: SBQP, 2011, p. 14-24.

ABDALLA, José Gustavo Francis; OLIVEIRA, Juliana Similli de. Teatralidade da arquitetura bancária em Juiz de Fora: arquitetura, planos e paisagem. In: BRAIDA, Frederico et al. (Orgs.). **Arquitetura e urbanismo em Juiz de Fora: bancos, clubes, museus e universidades**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019. p. 6-30.

CAIXA CULTURAL. **Caixa Cultural**. 2015. Disponível em: <http://www.caixacultural.com.br>. Acesso em: 6 maio 2019.

CCBB. **Saiba mais sobre o CCBB**. [s.d.]. Disponível em: <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/o-ccbb/>. Acesso em: 6 maio 2019.

CHOAY, Françoise. O patrimônio histórico na era da indústria cultural. In: \_\_\_\_\_. **A alegoria do patrimônio**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2006. p. 205-238.

JACOBS, Jane. A necessidade de prédios antigos. In: \_\_\_\_\_. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martim Fontes, 2011. p. 207-220.

JACOBS, Jane. Projetos de revitalização. In: \_\_\_\_\_. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martim Fontes, 2011. p. 437-450.

LYNCH, Kevin. A forma da cidade. In: \_\_\_\_\_. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Martim Fontes, 2011. p. 101-132.

PORTELA, Carine. **Edifícios**: agência de cultura. 2001. Disponível em: <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/96/agencia-de-cultura-23723-1.aspx>. Acesso em: 6 maio 2019.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

SANTANDER. **O prédio**. Disponível em: <https://www.santander.com.br/institucional-santander/cultura/predio>. Acesso em: 6 maio 2019.

SEGRE, Roberto. Memória e Modernidade. In: \_\_\_\_\_. **Arquitetura contemporânea brasileira**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004. p.56.

SEGRE, Roberto. Os caminhos da arquitetura brasileira na mudança do milênio. In: \_\_\_\_\_. **Arquitetura contemporânea brasileira**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004. p.19.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade Espacial 94

Agências bancárias 69, 70, 71, 72, 73, 78, 79

Álvaro Siza 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 58, 59

Arquitetura Moderna 1, 2, 4, 6, 14, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 40, 50, 58, 123

Arquitetura ribeirinha 82, 83

Art déco 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 76, 143, 144

### B

Bairros-jardim 110, 112, 127

### C

Casa do Chame-Chame 1, 2, 4, 5, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

Cicloturismo 60, 61, 62, 63, 68

Cidade 3, 5, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 47, 59, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 83, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 127, 128, 130, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179

Colônia do Sacramento 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109

Colonização espanhola 95, 100

Colonização portuguesa 95

### D

Dimensão Fractal 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167

### E

Efeito Genérico 140, 141, 142, 144, 152

Espaço 17, 19, 23, 30, 31, 44, 47, 48, 50, 57, 58, 69, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 112, 113, 119, 123, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 151, 152, 153, 156, 159, 178

### F

Função 18, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 108, 113, 148, 156, 171, 172, 176, 178

## G

Goiânia 32, 37, 39, 40, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 152

## L

Lina Bo Bardi 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 19, 21, 22, 23

Linguagem arquitetônica 25, 33, 39, 41

## M

Matemática aplicada ao urbanismo 154

Museus 41, 43, 44, 80

## O

Ocupação 73, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 126, 145, 153, 155, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

## P

Padrões morfológicos 96, 165

Permanências Urbanas 140, 141, 143

Projeto 5, 6, 9, 10, 11, 18, 21, 25, 38, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 60, 68, 69, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 94, 113, 114, 116, 125, 126, 128, 130, 141, 143, 144, 145, 148, 152, 165, 178

## R

Ressignificação 69, 72

## T

Território 26, 85, 90, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 111, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 142, 143, 180

Tombamento 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 143, 144

## U

Urbanismo fractal 154

## V

Vazios urbanos 102, 107, 153, 154, 155, 171, 178

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**